

## A família Eberle e o início do desenvolvimento industrial de Caxias do Sul

RAMON VICTOR TISOTT\*

Na presente comunicação, apresento um estudo realizado sobre a trajetória familiar de Abramo Eberle, um importante empresário brasileiro, que atuou na área da metalurgia na primeira metade do século XX. Originalmente, este estudo integra a dissertação de mestrado na qual analisei a presença de crianças na fábrica de propriedade dos Eberle, em Caxias do Sul, nas primeiras décadas do século XX. Como resultado, observou-se que a história da empresa estudada está ligada à trajetória familiar dos Eberle, sendo possível perceber o condicionamento mútuo nas transformações tanto da empresa quanto da família.

A partir das experiências da família de Abramo Eberle e do indivíduo, abordaram-se questões mais gerais relacionadas ao seu tempo, como o desenvolvimento econômico e social e a vida política da cidade. Uma referência que é imprescindível para o presente estudo foi a obra *Conde Matarazzo – o empresário e a empresa*, de José de Souza Martins. Como Martins, também se procura “deslindar as características institucionais do desenvolvimento industrial brasileiro, na sua gênese”, integrando as dimensões do *geral* e do *individual*, procurando dar uma interpretação original para o objeto. (MARTINS, 1976:1).

Na área da história da família, no texto *A revolução industrial: do proletário ao burguês*, Martine Segalen aborda as transformações da instituição familiar relacionadas ao processo de industrialização. Os padrões definidos pela autora na análise da diversidade de famílias, tanto operárias quanto burguesas, serviram como referência para nosso estudo, especialmente naquilo que se refere às condições familiares em contextos de proto-industrialização (SEGALLEN, 1999).

A historiografia referente a Caxias traz muitas informações sobre a ação do empresário Abramo Eberle, sua família e empresa. Duas obras muito distintas se dedicam a biografar Abramo, relacionando sua trajetória à da empresa e à da família: uma veio a público na década de 40, escrita por Álvaro Franco, provavelmente sob

---

\* Professor da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com bolsa do CNPq.

encomenda da empresa, e outra foi lançada em 2006, sendo o resultado de uma pesquisa de mestrado da historiadora Heloisa Eberle Bergamaschi. Ambas têm pontos em comum (a primeira, inclusive, serviu de fonte para a segunda), mas a sua natureza as diferencia. Enquanto Franco enaltece as qualidades de seu biografado, traçando sua trajetória como uma epopeia para prestar-lhe uma homenagem, o trabalho de Bergamaschi interpreta suas fontes, que são cartas trocadas entre ele e seus filhos, com instrumental teórico-metodológico que o caracteriza como uma pesquisa acadêmica.

Nas biografias de Abramo, há muitas informações sobre sua vida familiar. Ele foi o segundo filho de Giuseppe e Luigia Zanrosso Eberle. Nasceu em 2 de abril de 1880, em Monte Magré, uma localidade rural da comuna de Schio, na Itália. As biografias afirmam que quatro anos depois, o núcleo familiar emigraria à América, acompanhado pela mãe de Giuseppe. Os Eberle saíram de Schio alguns anos antes de a cidade ser palco de um acontecimento que marcou a história do operariado italiano. Em 17 de fevereiro de 1891, a produção do Lanifício Rossi, maior complexo fabril de Schio, foi completamente paralisada por um ato grevista de grande repercussão. Os operários do Rossi paralisaram em função do anúncio de redução do valor pago por hora trabalhada. Verona afirma que esse movimento deu força à alcunha de “cidade vermelha”, e levou a Schio a repressão policial e a imprensa de Vicenza, a capital da província. (VERONA, 2001). O *Lanerrossi* foi fundado em 1817 por Francesco Rossi, e foi um dos responsáveis pelo suporte industrial que caracterizou Schio, já na primeira metade do século XIX.

Essa industrialização precoce no contexto italiano fez da cidade um polo de atração de mão de obra, que se deslocava das atividades rurais, movimento populacional que se acentuou com a crise sofrida pela economia camponesa, a partir de 1870. O operariado do lanifício tinha forte ligação com o campo, o que provocava faltas durante os períodos de safras e instabilidade para a empresa, que buscava a fixação dos trabalhadores na cidade. Em 1872, o Lanifício vendeu ações para seus funcionários, e, no ano seguinte, transformou-se numa sociedade anônima. Já sob o comando de Alessandro Rossi, em 1873 foi inaugurada uma época de modernização da empresa, que, além da abertura de capital, passou a vender para o mercado externo atraindo dividendos que sustentaram sua expansão. (VERONA, 2001:132-146). Alessandro Rossi estava à frente da empresa familiar e inserido na política italiana. Em 1866, havia

sido eleito deputado, e quatro anos depois para o Senado. Esse período da empresa foi acompanhado pelo crescimento de mais de 40% da população da cidade, que, em 1884, já contava com cerca de 12.000 habitantes. (VERONA, 2001:140). A cidade, onde estava o conhecido lanifício, e o campo, onde viviam os Eberle, estavam ligados pela transferência da população rural para o meio urbano.

Boa parte da população de Schio foi atraída dos campos vizinhos pela possibilidade de emprego no *Lanerrossi*. A família de Giuseppe Eberle e Luigia Zanrosso optou por outra estratégia. Entre as alternativas que as famílias da região escolhiam para afastar-se da crise da agricultura, a principal era migrar. Além de transferir-se para a cidade, também era comum as migrações temporárias para outros lugares da Europa, em tempos de safra, ou mesmo definitiva. Mas, entre as opções de novos lugares para fixar moradia, tinha força a de seguir o grande fluxo migratório, que transferiu milhões de europeus para a América.

Giuseppe Eberle tem uma trajetória interessante. Além de permanecer durante cinco anos no serviço militar, no tempo das “lutas garibaldinas”, Giuseppe era barbeiro ambulante. Esse ofício fazia frequentes suas idas à cidade, onde estava o *Lanerrossi*. Para batizar seu filho Abramo, escolheu um amigo proprietário de uma oficina de artigos em cobre, em Schio, que fabricava principalmente caldeiras e alambiques. Foi desse amigo que, antes de partir para o Brasil com a família, comprou alguns alambiques e caldeiras para trazer para a nova terra. Essa era uma prática comum, e indica que Giuseppe já conhecia experiências de outros emigrantes. Esses objetos eram escassos onde a industrialização estava distante. Além dos objetos de metal, trouxe também chapéus e mudas frutíferas. O capital para a viagem veio da venda de uma granja em Monte Magré, e a comercialização dos produtos adquiridos antes da viagem complementar o montante.

Em 1884, a família chegou à Colônia Caxias. Giuseppe e Luigia viajaram com os filhos Eugênio Luigi, de 6 anos, Abramo Giuseppe, com pouco mais de 4, Maria Giuseppina com 2 e Maria Luisa com um ano de idade, mais a mãe de Giuseppe, a octogenária Catarina. Maria Luisa morreu durante o deslocamento de Porto Alegre para Caxias. (FRANCO, 1943:33-41). Nesse momento, 2.600 lotes coloniais já estavam vendidos. (GIRON; BERGAMASCHI, 2001:48). Chegando à Colônia, Giuseppe adquiriu um lote rural e “um ano e meio depois de sua chegada a Caxias, em

princípios de 1886, comprou de Francisco Rossi, funileiro, a pequena oficina do ramo, que possuía na Rua Sinimbu, juntamente com a casinha, tudo pela importância de Rs. 600\$000”, e o título de propriedade do terreno por Rs. 16\$000. (FRANCO, 1943:44). Esse imóvel se localizava a meia quadra da capela de Santa Teresa, do núcleo urbano da Colônia e, além de abrigar a oficina e a residência, também passou a ser uma casa comercial.

Assim como na Itália, Giuseppe, desde sua instalação em Caxias, coordenava diferentes atividades, que proporcionavam ingressos para a economia familiar: cultivava um pomar num lote colonial de 8 hectares na 7ª Léguas; nesse lote também tinha alambiques usados na produção de grapa; sua esposa, conhecida como Gigia Bandera, trabalhava na oficina de funilaria e na casa comercial anexa, adquiridas em 1886 no centro comercial do núcleo urbano; trabalhava como barbeiro nos fins de semana na cidade; e, em 1892, já tinha adquirido um lote de terras na Linha Feijó, cultivado por agricultores contratados, cujo trabalho era coordenado por seu filho Abramo, que, na época, tinha 12 anos. Percebe-se que a renda da família era gerada por empreendimentos em todos os setores da economia local: como a grande maioria dos imigrantes, os Eberle trabalhavam com a agricultura e mantinham, na propriedade rural, algum tipo de beneficiamento da produção primária; como outros habitantes de Caxias, a família também mantinha uma casa comercial, com o diferencial de ser muito bem-localizada, nas proximidades da praça central, da capela e dos escritórios oficiais; os Eberle ofereciam alguns serviços; e Gigia comandava a oficina de funilaria.

Essa distribuição do trabalho entre todos os membros é uma característica das famílias na proto-industrialização. Abramo, desde criança, era peça importante no conjunto de atividades produtivas. Além de coordenar o trabalho dos operários rurais no lote da Linha Feijó, Abramo auxiliava nos outros componentes da economia familiar. O trabalho era dividido entre todos os membros da família Eberle, e todos sob o comando familiar de Giuseppe.

A opção pela diversidade de atividades é forte indício de que Giuseppe possuía conhecimento empresarial e vontade de enriquecer. Acredita-se que o pai de Abramo não era um “simples agricultor” do Norte da Itália, que teria imigrado para o Brasil em busca de garantias de sobrevivência para sua família, mas era um homem que buscava melhorar suas condições de vida, numa terra que prometia progresso e riqueza.

Também é provável que Giuseppe já tivesse acompanhado experiências econômicas exitosas em Schio, já que a cidade abrigava uma importante indústria. Além do capital em dinheiro, Giuseppe trouxe de Schio o conhecimento de uma experiência industrial de sucesso, além de outros tantos casos que suas experiências proporcionaram conhecer.

Abramo viveu sua infância ao lado da igreja e da praça da vila, onde os principais atos da pequena cidade aconteciam ou repercutiam. Com 8 anos foi matriculado em uma escola, que frequentou por dois anos. Depois da aula, auxiliava no balcão da funilaria. Como era comum às crianças de Caxias, deixou a escola aos 10 anos, para que ela não atrapalhasse nas atividades consideradas mais importantes, como o auxílio que dava ao seu pai no lote da 7ª Légua e à sua mãe na funilaria e na casa de comércio na vila. Com 12 anos foi mandado pelo pai ao lote da Linha Feijó, onde também permaneceu por dois anos, que constam na memória familiar como “um tempo de muito sacrifício e solidão” para Abramo. (BERGAMASCHI, 2006:92). Nesse tempo, Abramo ocupou um posto importante na economia familiar, pois se responsabilizou pela produção de uma das três propriedades da família, sendo que cada uma das outras duas estava sob os cuidados de seu pai, na 7ª Légua, e sua mãe, na sede Dante.

Segundo Franco, “coube a Abramo tomar conta da cozinha e preparar a comida para os colonos”, seus subordinados (FRANCO, 1943:79). Durante o tempo que passou lá, ele ficou morando em uma casa separada dos operários agrícolas. Ele voltou para o centro da vila por volta de 1894, para iniciar o aprendizado na funilaria que sua mãe coordenava.

Segundo Heloisa Bergamaschi,

*os ensinamentos de Gigia para o jovem aprendiz o atraem cada vez mais para o ofício de funileiro. A mãe, que tem seis anos de prática, ensina o filho a lidar com a folha de Flandres, cortar, colocar rebites, fazer lamparinas, objetos de cobre, como alambiques e máquinas de sulfatar, ambas muito procuradas pelos colonos. (BERGAMASCHI, 2006:93).*

Franco indica os ciclos de dois anos em que a infância de Abramo foi dividida: dois anos estudando, outros dois coordenando as atividades na Linha Feijó, e dois anos como aprendiz de sua mãe. (FRANCO, 1943:82).

Em 1896, Abramo assumiu a funilaria do pai, com 16 anos, e, segundo o discurso mais conhecido, passou a administrá-la com autonomia. Começa nesse momento a experiência do jovem Abramo Eberle como “homem de negócios”, à frente

da oficina de funilaria. Mas essa suposta autonomia se mostra relativa. A primeira decisão que teria que tomar foi a de adquirir ou não algumas máquinas de funilaria, que lhe foram oferecidas por um tal Bello. Segundo Franco, “interessou-se muito pelo assunto, mas nada quis resolver sem prévia consulta do pai” (FRANCO, 1943:107). Abramo teria aguardado o primeiro domingo em que seu pai iria à vila, acompanhado de toda a família. Franco coloca essas reuniões dominicais como um “costume” familiar. Abramo expôs ao seu pai o plano de adquirir as máquinas, assim como o fez quando apresentou a proposta de assumir a oficina. Segundo Franco, Giuseppe não aceitou a ideia num primeiro momento, fazendo algumas objeções, mas acabou concordando. Abramo, então, comprou uma máquina de remanchar, outra de cortar reto, uma de corte redondo e outra de fazer cilindros. (FRANCO, 1943:107).

Desde o princípio de sua vida como empresário, Abramo era acompanhado por funcionários; no início eram dois: Rombaldi e Boff, que já trabalhavam sob o comando de Gigia, e produziam “lâmparinas, canecos, baldes e a famosa ‘medida’, caneca de um litro que os colonos usam para medir o vinho”. (FRANCO, 1943:94). Assim como o pai, Abramo investiu na diversidade de atividades: além da funilaria e da casa comercial, mantém uma vidraçaria e produz objetos de cobre. Segundo Bergamaschi, “os artigos produzidos pela funilaria são muitos e variados, sendo vendidos na loja de ferragens que funciona junto à oficina, juntamente com outros artigos não fabricados por eles. Nessa fase, também, Abramo faz trabalhos como o de troca e colocação de calhas, chaminés, reparos e serviços em geral”. (FRANCO, 1943:94). Essas atividades em breve seriam acompanhadas da intensificação do comércio promovido por Abramo, como se verá a seguir.

Referindo-se ao período inicial da formação do mercado, Machado afirma que

*logo o comércio local se mostrou insuficiente para escoamento ao excedente agrícola, mesmo porque os colonos produziam mais ou menos os mesmos artigos, provocando a sua saturação, daí a necessidade de buscar novos parceiros no mercado regional, constituído inicialmente pela região de São Sebastião do Caí. (MACHADO, 2001:162).*

Os comerciantes teuto-brasileiros foram os primeiros intermediários dos negócios da Colônia Caxias, e, em função das dificuldades de transporte até a região de colonização alemã, o contato com eles era feito pelos comerciantes caxienses, que tinham os

“carroções” apropriados, e não pelos próprios agricultores. (MACHADO, 2001:164).

Os comerciantes se fortaleceram, e Abramo participou desse movimento. Logo o comércio ganhou mais importância na renda dos seus empreendimentos. Com o incremento de maquinário, Abramo passou a ir a Porto Alegre para adquirir matéria-prima para a oficina e artigos de louça e vidraçaria. Os biógrafos de Abramo não citam as datas nem a quantidade de idas a Porto Alegre, mas sabe-se que foram entre 1896 e 1901, quando tinha entre 17 e 20 anos. Nessas viagens para comprar matéria-prima, o empresário colocou-se em contato com a rede comercial do estado, que tinha a capital como grande centro. Ele aproveitou essas viagens para vender os produtos que seu pai produzia na propriedade rural da família. Enquanto isso, Caxias crescia e, junto com a cidade, aumentava a demanda por produtos no mercado local. Abramo “em pouco tempo torna-se um comerciante, conhecedor do seu negócio”. (BERGAMASCHI, 2006:95).

Isso fica claro a partir de 1901, quando, após seu casamento, “resolve fazer uma viagem a São Paulo em busca de mercado para os produtos da região colonial italiana”. (BERGAMASCHI, 2006:103). O sucesso dessa primeira empreitada o leva a uma segunda, no ano seguinte. O comércio exportador se mostra lucrativo, e Abramo

*restringe as vendas aos seus melhores fregueses. Continua enviando para São Paulo e para Porto Alegre os produtos coloniais. Parte dos produtos ele os compra diretamente dos colonos, e parte recebe em consignação. Com o lucro conseguido com o comércio, passa a diversificar as atividades comerciais. Os negócios realizados são compensadores, mas não desiste do ramo metalúrgico. (BERGAMASCHI, 2006:106).*

Antes dele, sabe-se que outro imigrante também realizou viagens a São Paulo com o objetivo de comercializar no centro do País. Antonio Pieruccini era italiano, veio de Lucca na Toscana para o Brasil em 1872, quando iniciou suas atividades. Chegou em Caxias com sua família em 1880, com 34 anos, e declarou ser negociante quando adquiriu meio lote urbano e um lote rural, na 7ª Léguas. (GARDELIN; COSTA, 2002:111, 421, 663). Pieruccini foi a São Paulo em 1898, e vendeu vinho gaúcho na cidade de São Simão. (FRANCO, 1943:124). Em documentos do início do século XX, Pieruccini aparece como proprietário de uma vinícola de grande porte.

Os investimentos de Abramo têm retorno, seus negócios são

diversificados, e a cidade se transforma rapidamente. As estradas foram melhoradas, a produção rural do município aumentou, o mercado foi se complexando, e os comerciantes organizaram-se na busca de influenciar as decisões políticas. Para Machado, a importância econômica dos comerciantes exigia sua organização “em uma entidade representativa que pudesse congrega-los de forma a uni-los para fortalecê-los como um grupo dominante. Muitas eram as reivindicações no sentido da melhoria da infra-estrutura local, para que as atividades mercantis pudessem ter seu fluxo normal”. (MACHADO, 2001:167). Para isso, fundou-se a Associação dos Comerciantes de Caxias em 1901, que procurou “relacionar-se com as entidades governamentais do município e do estado e com as suas co-irmãs das diversas cidades gaúchas”. (MACHADO, 2001:171). Segundo Machado, a Associação “passou a liderar as questões inerentes ao município, inclusive as relacionadas com o setor rural, pois a Colônia não estava organizada, e quando precisava de apoio para os seus problemas, recorria à Associação, que passou a ter uma relação muito íntima com a agricultura”. (MACHADO, 2001:171).

Inicialmente, Abramo não participou da Associação dos Comerciantes, que é caracterizada por Machado e Herédia como “uma entidade comunitária, de forte cunho associativo e reivindicatório, interferindo, substancialmente, na vida econômica de Caxias do Sul e dos municípios vizinhos”. (MACHADO; HERÉDIA, 2001:14). Ela foi fundada por um grupo de quarenta e sete empresários, que iniciaram o movimento de organização do setor patronal, “sob a liderança dos comerciantes, com o intuito de formar uma associação de classe para intermediar as relações com o poder público e com as instituições congêneres existentes em outros municípios”, interferindo nos processos decisórios de questões consideradas essenciais para o crescimento econômico. (MACHADO; HERÉDIA, 2001:p. 19). E isso realmente foi feito. Depois da fase de implantação, a Associação “passou a atuar intensamente na vida econômica de Caxias com a Intendência, com o Governo do Estado e com todos os vários organismos públicos e privados que tivessem algum envolvimento com os interesses ligados às classes produtoras”. (MACHADO; HERÉDIA, 2001:19).

Entre os assuntos que ganharam destaque na atuação da Associação, estão os impostos, as dificuldades da produção e comércio do vinho, a melhoria das estradas, os serviços de distribuição de correspondências, etc. Segundo as autoras, “em

1904 a Associação já tinha conquistado um forte poder político, ao ser consultada pelo Presidente do Estado para indicar o candidato que representasse o eleitorado republicano nas eleições municipais para o cargo de Intendente”. (MACHADO; HERÉDIA, 2001:22). A intenção da maioria dos comerciantes era a não reeleição de Campos Júnior, polêmico intendente da época, e isso foi expresso ao presidente do estado, resultando na eleição de Serafim Terra para o governo do município. Terra teve como vice um importante comerciante caxiense, Vicente Rovea, cunhado de Abramo, que veio a assumir a intendência em 1907, com a vacância do cargo. Além da eleição de um intendente que representasse seus interesses, os comerciantes de Caxias demonstraram seu poder político em outras oportunidades, como a mudança de localização de obras públicas estaduais, de modo a favorecer a cidade. (MACHADO; HERÉDIA, 2001:23).

Em 1906, a Associação teve sua primeira crise interna, mas as fontes não esclarecem os possíveis motivos. Em janeiro de 1907, Hugo Ronca, então presidente da entidade, renunciou ao cargo, mas sua abdicação não foi aceita pelos sócios presentes na assembleia. Na mesma ata em que é registrada a renúncia, consta a entrada de cinco novos sócios, entre eles Abramo Eberle. Como dito anteriormente, no início Abramo não participou diretamente dessa organização, e assim que aderiu à Associação ela foi extinta, para voltar às atividades anos depois. (MACHADO; HERÉDIA, 2001:26).

A primeira década do século XX na vida de Abramo começa com seu casamento, em janeiro de 1901. A união com Elisa Venzon foi um acontecimento muito importante na sua vida, marcando mais um passo no movimento em busca de independência da família paterna. Na ocasião, Abramo tinha 21 anos incompletos, e Elisa dezessete. Ela era filha de João Venzon, proprietário de um moinho e de uma serraria, e, segundo Franco, eram “prósperos”. (FRANCO, 1943:105).

Como afirma Segalen, “marido e mulher ocupam, no seu conjunto, um lugar importante nos inícios da industrialização”. O casamento de Abramo e Elisa, indicando o padrão da história da família na proto-industrialização, representou a associação de duas “fontes de capitais” e de duas “energias laborais” (SEGALEN, 1999:18). O pai de Elisa passou a ser também fornecedor da empresa da família, e a presença de Elisa cuidando dos negócios em Caxias permitiu que Abramo realizasse viagens para São Paulo, que foram o ponto de partida para seu estabelecimento como

comerciante exportador. A empresa da família Eberle ganha um importante complemento com a aliança com os negócios dos Venzon.

Em 1904, um outro fato viria a marcar a trajetória do empresário: Abramo estabeleceu sociedade com Luiz Gasparetto, ex-empregado da metalúrgica Amadeo Rossi, que possuía máquinas de ourivesaria. Eberle e Gasparetto formaram uma pequena fábrica metalúrgica, independente da funilaria de Abramo. Nesse novo empreendimento, trabalhavam Pedro Mocelin, técnico, ex-colega de emprego de Gasparetto, e o ourives Érico Raabe. (BERGAMASCHI, 2005:107).

Nessa mesma década, nascem seus primeiros filhos de Abramo e Elisa. O primogênito, José Abramo, nasceu em 16 de dezembro de 1901. Depois vieram Angelina, em 1º de abril de 1904, e Rosália, em 31 de janeiro de 1906. Outro menino nasceu em 21 de novembro de 1907, Julio João, e Adélia em 30 de julho de 1910. A família, em 1910, é composta pelo casal, que já tem quase uma década de casados, ele com 30 anos e ela 26, já têm um filho de 9, Angelina com 6 anos, Rosália completando 4 e Julio com quase 2. José Abramo, o Beppin, frequentava o Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Caxias. Diferente de seu pai, Beppin completaria os estudos básicos antes de começar seu primeiro estágio na empresa da família, que foi aos 18 anos, em 1919.

A década de 10 foi de grande crescimento para os empreendimentos de Abramo. “Para dedicar-se mais à fábrica, vende as máquinas e ferramentas da velha funilaria, mas a velha oficina de Gigia não é desmanchada.” Ele realizou sociedades relevantes, como a com Reinaldo Kochenborger, em 1912, que resultou em uma nova empresa dedicada à produção de jóias. (BERGAMASCHI, 2005:109).

A ligação de Abramo com seu núcleo familiar de origem continuava forte. Há uma conhecida fotografia, na qual Abramo posa ao lado de seus pais em 1910, representando seu papel de filho, de membro da família comandada por Giuseppe Eberle. Seu irmão mais novo, Pedro Eberle, aparece nos registros de colaboradores da empresa, desde os mais remotos, de 1906, até 1909. Segundo Franco, Pedro começou a trabalhar “nos primórdios da organização, rapazinho de seus 17 anos ainda”, e se tornou o *braço direito* do chefe, inclusive substituindo-o em afastamentos eventuais. Participou do cotidiano da empresa, passando a ser seu sócio em 1917, quando Abramo substituiu a “Ourivesaria e Funilaria Central de Abramo Eberle & Cia.” pela “Abramo Eberle & Cia.”, com capital social de oitocentos contos de réis. Essa firma foi estabelecida em

sociedade com seus antigos companheiros Luiz Gasparetto, Eduardo Mosele e Pedro Eberle, seu irmão. Pedro morreu em 1921, com 35 anos, e sua parcela do capital da empresa passou ao nome da viúva e de seus dois filhos, Ildefonso e Zulmir. (FRANCO, 1943:153).

Outro sócio foi Eduardo Mosele, que teria levado à organização “o concurso de uma vontade operosa e a energia de seus anos juvenis”. Ele permaneceu na sociedade até 1933, e algum tempo depois abriu a E. Mosele & Cia., importante cantina de Caxias. (FRANCO, 1943:153).

Durante a Primeira Guerra Mundial e nos anos seguintes, o empresário teve que tomar decisões que marcaram o futuro dos seus empreendimentos. Segundo Bergamaschi, em função da escassez do material metálico, Abramo “num gesto arrojado adquire a matéria-prima disponível no Brasil e, ainda, em sua busca vai a Buenos Aires e a Montevideú. Na capital argentina compra mais uma prensa para cortar metais”. (BERGAMASCHI, 2005:110). Sobre a importância da Primeira Guerra Mundial nos negócios de Abramo, Franco afirma que “a guerra criara possibilidades tais para o desenvolvimento dos negócios em geral e em especial para o ramo de metalurgia, que não seria dado prever aos mais audaciosos e otimistas até onde elas chegariam”. (FRANCO, 1943:154).

Segundo Lazzarotto, “a situação durante a 1ª Guerra Mundial não foi muito tranqüila, pois não houve balanço em três anos durante o conflito. Mesmo assim, observamos um crescimento ao lado do progresso de toda a região neste período”. (LAZZAROTTO, 1981:33). Esse progresso medido por Lazzarotto realmente é significativo: “de 1916 a 1919, embora não fosse feito balanço em dois anos consecutivos, os lucros foram muito bons, superando em mais de quatro vezes os lucros dos anos que antecedem” (LAZZAROTTO, 1981:33). Os negócios continuaram a crescer, e as novas parcerias firmadas representavam ampliações em instalações e negócios. Em 1920 foi criada a Eberle, Mosele & Cia., com Leonel Mosele e Fiorelo Arpini, que assumiu e ampliou a loja de ferragens, louças e vidros. (BERGAMASCHI, 2005:110). Franco afirma que Fiorelo Arpini fora colaborador de Eberle desde os tempos da “velha funilaria”, mas o seu nome não consta nas anotações sobre funcionários.

Em março de 1918, Gigia Bandera morreu. A mãe de Abramo aparece na

biografia como sua aliada em momentos importantes de negociação com o pai, mas a falta da mãe já não prejudicaria suas intenções, pois a autonomia em relação à família paterna nesse momento parece ser quase completa. Beppin já tinha mais de 18 anos, havia completado os estudos básicos e realizava um estágio nos negócios do pai. Nesse meio tempo, nasceu Zaíra, cuja data de nascimento não consta nas biografias de Abramo, e Lília, em abril de 1919. Quando Lília nasceu, Angelina estava com 15 anos, Rosália e Júlio tinham 13, Adélia apenas 9. Em abril de 1920, Abramo e Elisa com seus dois filhos mais velhos, Beppin e Angelina, partiram para a Europa, via Nova Iorque, passando por Montevidéu e Buenos Aires. Os outros filhos ficaram em Caxias, sob o cuidado de familiares, inclusive o bebê de um ano.

Em Nova Iorque, um dos objetivos de Abramo era encaminhar sua esposa para uma consulta médica, pois Elisa sofria de palpitações constantes, problema que os médicos no Brasil não conseguiram resolver. Além disso, desejava conhecer novas tecnologias e fontes de fornecimento de matéria-prima para a metalurgia. Por último, planejava matricular Beppin em uma escola técnica nos Estados Unidos, o que acaba não acontecendo por causa da exigência de “extrema especialização” dos programas de estudos norte-americanos. (FRANCO, 1943:163; BERGAMASCHI, 2005:111).

Abramo adquiriu equipamentos e visitou fornecedores de matéria-prima. Passou mal nos EUA, em função de uma úlcera. O médico que atendeu Elisa acabou também por atender Abramo, receitando-lhe repouso. Permaneceram quase quatro meses nos EUA, e embarcaram diretamente para a Itália em agosto de 1920. Lá, desembarcaram em Nápoles e se dirigiram a Trieste, com a intenção de visitar a região de Fiume. Nesse tempo, Fiume era uma espécie de cidade-estado e se encontrava em disputa entre a Itália e a Iugoslávia. Não fica claro qual o interesse dos Eberle nesse conturbado povoado. “A região está sob intervenção militar, sendo proibida a entrada de estrangeiros. Abramo então apresenta ao comando militar de Trieste o documento de Major da Guarda Nacional Brasileira, conseguindo a permissão para ele e sua família visitarem o local”. (BERGAMASCHI, 2005:112). Elisa e Abramo continuavam doentes, e consultaram médico em Milão. Foi recomendada a Elisa a estadia em uma “estação de águas”, e a família partiu para uma temporada em Salso Maggiore, na província de Parma. “Seguem depois a Roma, e são recebidos pelo Papa Bento XV”

(BERGAMASCHI, 2005:113). Depois da bênção papal, vão a Monte Magré, onde Abramo nasceu. “Depois de rever parentes e os lugares de sua infância, reinicia sua pesquisa na Itália. Em Schio visita metalúrgicas, e, em Bassano, visita uma fundição de sinos.” (BERGAMASCHI, 2005:113).

Na Europa, continuou procurando uma escola para encaminhar Beppin, e informou-se sobre o ensino técnico na Itália e na Alemanha. Industriais italianos lhe indicaram o Instituto Técnico de Mittweida, na Saxônia, “afirmando que nessa área o ensino na Alemanha é melhor do que o da Itália”. (BERGAMASCHI, 2005:113). A matrícula de Beppin foi realizada nessa mesma viagem. Depois voltaram a Milão, reencontrando Elisa e Angelina, e seguiram todos a Paris. Na capital francesa, “enquanto mãe e filha passeiam”, os dois homens visitaram diversas fábricas, atentando-se para as de artigos religiosos. Regressaram para a Itália, onde fecharam outros negócios, compraram máquinas e produtos manufaturados. (BERGAMASCHI, 2005:113). De Gênova, voltaram ao Brasil depois de dois anos de viagem pela América e Europa. Ao chegarem, Lília já tinha três anos.

Percebe-se que o capital obtido com a empresa foi convertido em benefícios para a própria empresa, mas também para a família. A viagem foi uma oportunidade para que Elisa cuidasse de sua saúde, aproveitando os recursos disponíveis nos Estados Unidos e na Europa. Beppin foi beneficiado com os recursos para sua qualificação, o que também seria aproveitado pela empresa, já que o filho de Abramo já tinha funções nas empresas e viria a substituir o pai após sua morte.

Beppin ficou na Europa e, então, passou a estudar mecânica e eletrotécnica em 1922 na escola escolhida. Mittweida era uma pequena cidade alemã próxima a Leipzig, cidade industrial “com fábricas de máquinas, fundições de ferro e de fiações”. Retornou a Caxias depois de concluir o curso em 1926. (BERGAMASCHI, 2005:113). As filhas Rosália, Adélia e Zaíra estudaram no Colégio Sevigné, em Porto Alegre. (GIRON; BERGAMASCHI, 1993:15). O estudo também foi o destino de seu irmão, que começou no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Caxias, até ser encaminhado para o internato do Instituto São José, em Canoas, onde Beppin já havia estudado. Júlio estudou em Canoas até 1924, quando concluiu o Curso Comercial. Diferente do mais velho, o segundo filho homem de Abramo continuou seus estudos no Brasil, no Colégio Mackenzie, em São Paulo. Nessa escola, Júlio recebeu ensino teórico

e prático, e demonstrou mais interesse pelas ciências humanas. Ele terminou seus estudos em 1926, quando voltou a Caxias e passou a estagiar na empresa paterna. (BERGAMASCHI, 2005:171-177). Os dois filhos retornaram à cidade natal no mesmo ano, sendo que o primeiro formado por um curso técnico na Europa, e o segundo voltou de São Paulo com conhecimentos comerciais e interesses pelas humanidades. Como nas típicas famílias burguesas, os filhos de Abramo e Elisa não só constituíram uma rede de relações sociais e comerciais, como também representaram “um modo de aquisição e de renovação das competências técnicas” (SEGALEN, 1999:18).

Abramo voltou de seu giro pela América e Europa num período de grande projeção pessoal. Ele já havia exercido o cargo de vice-intendente em vários períodos nas gestões de Vicente Rovea (1907-1910) e de José Penna de Moraes, em períodos da década de 10. Foi vice-intendente escolhido por Penna de Moraes, na sua gestão de 1920 a 1924, quando recebeu várias homenagens, tanto pelo seu êxito empresarial quanto pela atuação política. Depois participou ativamente da eleição de Celeste Gobbato, em 1924, quando foi eleito vice-intendente. Segundo Giron e Bergamaschi, a presença de Abramo Eberle foi muito importante para a “calmaria política”, nesses períodos em que ocupava o cargo de vice-intendente, por ele ser “o maior industrial da região e um dos maiores do Brasil”. (GIRON; BERGAMASCHI, 2001:83). Bergamaschi acredita que

*Abramo passou a participar da vida política com Vicente Rovea que era seu cunhado e de quem era Vice-Intendente. As cartas demonstram a influência do empresário na comunidade quando é solicitado a solucionar problemas; acredita-se também que, por ser um empresário de sucesso, vai participar ativamente da política regional. (BERGAMASCHI, 2005:65).*

Nesse meio tempo, foi instalada uma forjaria, em 1923, quando passa a fabricar lâminas de facas e espadas, e o capital da empresa eleva-se para um mil contos de réis. (BERGAMASCHI, 2005:114). Em 1925 iniciou a fabricação de artigos sacros e, em 1929, mudou o nome para Grande Fábrica Metalúrgica Abramo Eberle & Cia. (LAZZAROTTO, 1981:35). A forjaria e a fabricação de artigos sacros demonstram a sofisticação da produção da empresa na década de 20, enquanto essa mudança na denominação evidencia outra proposta de comunicação, que exaltava a dimensão que a fábrica tomava.

Em 1921 foi eleita a nova diretoria da Associação de Comerciantes, cujo

presidente passou a ser Adelino Sassi, muito presente na biografia de Abramo. Segundo Franco, cuja principal fonte de sua pesquisa acredita-se terem sido as memórias de Abramo, ele e Lino (como Adelino Sassi era chamado) conheceram-se quando crianças, na escola. Segundo o autor, suas “ligações infantis se encaminharam para uma sólida amizade que o tempo nada mais fez que não robustecer”. (FRANCO, 1943:72). Abramo estava inserido na política ligada ao estado e à classe patronal. Em 1920, Abramo já estava entre os maiores empresários brasileiros, e, a partir de 1924, são claras as ligações dele com o movimento fascista italiano. Em janeiro de 1924, o advogado Stefano Paternó, que passou por Caxias na década de 10, organizando o movimento cooperativista, escreveu uma carta a Abramo desde a Itália, em papel timbrado da “Confederazione Corporazione Sindicale Fasciste - Sindicato Nazionale del Commercio e Media Industria - Sindicato Provinciale del Commercio e Media Industria”. Nessa carta, Paternó chama Eberle de *amigo*, e pede informações sobre o comércio de Caxias e do Brasil. (BERGAMASCHI, 2005:115). Esse é o mais remoto indício do envolvimento de Abramo com o movimento fascista, posteriormente intensificado, quando foi condecorado pelo governo italiano junto com outros como Celeste Gobbato, o construtor Silvio Toigo e o industrial Aristides Germani. (GIRON, 1994:106). Além disso, consta uma carteira de identificação do partido fascista entre os documentos de Abramo guardados pela família Eberle, que foram relacionados no relatório do levantamento do acervo deixado por Júlio João Eberle, realizado entre 1991 e 1992 por Giron e Bergamaschi.

Esses empresários que vieram a aderir ao movimento fascista na Região Colonial Italiana, principalmente nos anos 30 e 40, começaram a despontar como “grandes empresários” nas primeiras décadas do século XX. Antes de sua viagem pela Europa e de ter ascendido na vida política principalmente na década de 20, Abramo já era considerado um “grande empresário”, mas quase sempre visto no interior de um grupo de outros homens de negócios de sucesso. Isso pode ser constatado no Número Único, publicação promocional de 1915. Ela traz, além de Abramo, o empresário Aristides Germani, do moinho Ítalo-Brasileiro; Hérculos Galló, do Lanifício Chaves-Almeida e Amadeo Rossi.

A família de Abramo Eberle fez parte de um grupo de imigrantes que ascenderam econômica e socialmente, em um contexto favorável. O desenvolvimento

econômico de Caxias condicionou as decisões da família, assim como foi condicionado por sua ação. Abramo acompanhou as mudanças pelas quais a economia caxiense passou, ao se dedicar ao comércio, mas inovou ao realizar viagens ao centro do país com objetivos comerciais quando poucos o faziam. O investimento do capital proveniente das atividades comerciais na sua oficina, transformando-a em uma indústria, indica a decisão de Abramo de juntar-se a um grupo que ascendia socialmente por meio das atividades não-agrícolas, contribuindo com a consolidação do processo de industrialização que caracteriza a história da economia da cidade e a região.

A partir das transformações da família Eberle, analisando as escolhas e as estratégias de manobra que foram utilizadas pelos indivíduos e família estudados, é possível perceber as mudanças que a industrialização provocou na sociedade. De uma família em que todos participavam da produção desde cedo, seguindo o padrão familiar na proto-industrialização, teve origem outra que representa o ideal da família burguesa.

#### **Bibliografia:**

BERGAMASCHI, Heloisa Delia Eberle. **Abramo e seus filhos: cartas familiares 1920/1945**. Caxias do Sul: Educs, 2005.

FRANCO, Álvaro. **Abramo já tocou... ou A epopéia de um imigrante: ensaio biográfico**. 2. ed. São Paulo: Ramos Franco, 1943.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ParLenda, 1994.

\_\_\_\_\_; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional**. Caxias do Sul: Educs, 2001.

\_\_\_\_\_; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Júlio João Eberle: perfil de um empresário**. Caxias do Sul: UCS, 1993.

HERÉDIA, Vania B. M. **Processo de industrialização da zona colonial italiana**. Caxias do Sul: Educs, 1997.

\_\_\_\_\_. **Hércules Galló: vida e obra de um empreendedor**. Porto Alegre: EST, 2003.

LAZZAROTTO, Valentim A. **Pobres construtores de riqueza: absorção da mão-de-obra e expansão industrial na Metalúrgica Eberle: 1905-1970**. Caxias do Sul: Educs, 1981.

Lembrança da Visita da Real Embaixada Italiana ao Rio Grande do Sul. Editor Loureiro Cunha, agosto de 1918. [sem paginação]. Acervo do CEDOC-UCS.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul - 1875/1950**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2001.

\_\_\_\_\_. **Mulheres sem rosto**. Caxias do Sul: Maneco, 1998.

\_\_\_\_\_; HERÉDIA, Vania. **Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul**: cem anos de história. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Conde Matarazzo, o empresário e a empresa**: estudo de sociologia do desenvolvimento. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

NÚMERO ÚNICO. [Caxias do Sul?]: Typographia Cittá di Caxias, 20 de set. de 1915. [sem paginação]. Acervo do AHMJSa.

PESAVENTO, Sandra J. **A burguesia gaúcha**: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

\_\_\_\_\_. **RS**: agropecuária colonial e industrialização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

SEGALEN, Martine. A revolução industrial: do proletário ao burguês. In: BURGUIÈRE, André (et al.). **História da família. O Ocidente**: industrialização e urbanização. Trad. port. Lisboa: Terramar, 1999. v. 4.

SCOTT, A. S. V. . As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil. **História. Questões e Debates**, v. 51, p. 13-29, 2009.

THERBORN, Göran. **Sexo e poder**: a família no mundo, 1900-2000. Trad. de Elisabele Dória Bilac. São Paulo: Contexto, 2006.

TISOTT, Ramon Víctor. **Pequenos trabalhadores**: infância e industrialização em Caxias do Sul (fim do séc. XIX e início do XX). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2008.

VERONA, A. F. A indústria têxtil de Schio e a imigração operária: A quebra do contrato social pelos operários do Lanifício Rossi, de Schio (Itália), numa leitura crítica dos fatos ocorridos entre 1873 e 1891. In: SULIANI, Antônio (Org.). **Etnias & carisma**: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.